

*A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano*  
Vera Lopes Besset e Henrique Figueiredo Carneiro (Orgs.)  
Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 296p.

Elizabete Regina Siqueira

A muito bem cuidada edição da coletânea *A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano*, organizada por Vera Besset e Henrique Carneiro é uma obra tecida a partir de laços de trabalho entre professores-pesquisadores brasileiros e estrangeiros, psicanalistas engajados no ensino e na pesquisa da psicopatologia e psicanálise em instituições universitárias no Brasil e no exterior. É, portanto, um livro que testemunha o que é e o que faz a Psicanálise na Universidade.

Traz textos inéditos cujos temas contemplam os impasses encontrados na prática clínica. O foco deste livro é, portanto, a clínica psicanalítica e suas incidências na psicopatologia do cotidiano. Seus vinte autores cumprem com a exigência de que para escrever de forma clara e fundamentada é preciso conhecimento de causa. Você, leitor, poderá comprová-lo ao longo dos treze excelentes trabalhos que escreveram. Eles estão divididos em três seções, em que cada uma corresponde a uma temática específica, mas articuladas ao tema central.

O livro se inicia com “Sobre a fantasia no sujeito psicótico: de sua carência e seus substitutos”, escrito por

Maleval, Grollier e Druel-Salmane, que partem com uma questão deveras importante. Defendem a tese de que na psicose houve falha da fantasia e substituição da mesma por compensadores imaginários, sendo um dos mais encontrados, as imagens indelévels.

Destacam que o efeito desta falha é a dificuldade de enquadramento da realidade e do gozo, e que é neste contexto que a imagem indelével aparece como tentativa de não desencadeamento, tentativa algumas vezes bem sucedida.

Apresentam, em seguida, cinco casos clínicos em que este compensador operou, deixando claro, no entanto, que é um substituto frágil, uma vez que a imagem indelével é fixa, insistente e consciente. É encontrada no campo das psicoses ordinárias e do ponto de vista da direção do tratamento é perda de tempo interpretá-las.

Em “A pragmática do sintoma no tratamento possível das psicoses”, Jésus Santiago mostra que a experiência dos CPCTs surgiu como resposta às novas configurações psicopatológicas em que o essencial se decide no manejo da direção do tratamento.

É um artigo que mostra que houve uma mudança de enfoque, pois se antes o acento era conferido às estruturas clínicas, agora se deslocou para uma pragmática do tratamento que tem por objetivo extrair da fala do sujeito o que se destaca como *unheimlich*.

Gustavo Dessal, então, nos presenteia com a direção da cura de cinco casos de psicose, em que a escuta e o manejo da transferência foram decisivos para o êxito do tratamento.

“Sobre a aplicação do método psicanalítico no tratamento das psicoses” é um trabalho para ser lido com atenção, pois nele nos encontramos com a maestria de um analista que não se acanhou diante do desafio de conduzir o tratamento de pacientes de difícil condução.

Já Sidi Askofaré, em “Sintomas e suplência”, dedica-se a mostrar que no último ensino de Lacan há uma refundação do conceito de sintoma que permite articulá-lo à problemática da suplência.

A grande contribuição do autor, com este trabalho, é salientar a diferença existente entre compensação, estabilização e suplência; distinção essencial para a condução adequada do tratamento, em direção à construção de suplências efetivas e duradouras.

Hebe Tizio inicia a segunda parte do livro com “Considerações sobre o sintoma”, partindo da premissa de que o lugar que se outorgue ao sintoma indicará o lugar que terá o sujeito. Afirma que o tratamento que lhe é dado localiza a relação que se estabelece com o modo de gozo em jogo e define, também, a posição do agente.

A autora se propõe a evidenciar a função do sintoma e mostrar algumas consequências produzidas pelo trabalho analítico. Deixa claro que o gozo albergado no sintoma só pode ser abordado indiretamente, pois do contrário o efeito será a produção de transferência negativa.

Para ela o sintoma é uma arma efetiva contra a exclusão social, uma vez que contribui para inserção do sujeito. Desta perspectiva faz uma crítica ao campo da saúde mental, para em seguida propor que mais importante do que o diagnóstico é esclarecer o funcionamento do sintoma, pois só assim o praticante poderá elaborar uma tática que incida sobre o gozo autista alojado no coração de todo sintoma.

Angélica Bastos em “O corpo e o arrebatamento” afirma que, segundo Lacan, expulsar o corpo para a extensão seria o erro de Descartes, uma vez que para o primeiro o corpo é uma substância gozante.

Para avançar com este ponto de vista a autora faz uso de uma obra literária *O deslumbramento de Lol V. Stein* de Marguerite Duras, por nela reconhecer um saber sobre os impasses que a loucura impõe ao sujeito e ao seu corpo. No desenrolar da trama novelesca surgem as soluções que a personagem, enlouquecida pelo encontro amoroso, constrói a fim de estabilizar sua imagem corporal fraturada.

No trabalho coletivo “Corpo e sintoma na experiência analítica”, Besset, Brito, Silva e Vieira, buscam configurar as mudanças de paradigmas que organizam o Outro e suas consequências no que diz respeito a mudanças tanto na forma dos sintomas, quanto às demandas dirigidas aos analistas.

A questão-desafio que se colocam, e buscam responder, é como um dispositivo feito “apenas de palavras” pode fazer face à subjetividade própria desta Época. Desenvolvem e esclarecem as características desta “nova” subjetividade, pois sabem que só conhecendo como algo está estruturado é que se pode aí intervir.

Diria que este trabalho demonstra com clareza que o futuro da Psicanálise depende de que os psicanalistas estejam à altura de responder às mudanças na subjetividade, advertidos, no entanto, que “falar nem sempre é um ato sem riscos”.

A terceira e última parte do livro aborda as “Atualidades em Psicopatologia”, e começa com um trabalho de Henrique Carneiro, intitulado “Amnésia infantil em um caso de perversão”. Neste o autor expõe a análise da amnésia infantil, a partir de um caso de perversão masculina, visando destacar a função da mesma na produção do sujeito que navega em meio ao desassossego de sua época.

Em “Psicopatologia: a perspectiva freudiana”, os autores, Ferrari e Laia, buscam evidenciar a contribuição freudiana dos tipos clínicos. Com esta finalidade, revisitam momentos importantes da Psiquiatria clínica, a fim de aportar na

contribuição freudiana e demonstrar que ela existe e que fez diferença no seu tempo e continua fazendo nos dias de hoje.

Fazem um percurso detalhado e esclarecedor e, desta forma, conseguem oferecer uma configuração nítida, precisa e sistemática de um tema muito vasto e disperso ao longo da obra freudiana.

Marta Gerez Ambertim inicia seu trabalho “O pai e seus enigmas” com uma vinheta clínica que deixa claro que um pai é antes de tudo um ato de palavra, efeito de um ato simbólico que lhe outorgue este lugar. Esclarece que a tecnociência é incapaz de esclarecer esta função, que na verdade a torna ainda mais enigmática.

Conclui que há muitas respostas possíveis para o enigma do pai, mas que nenhuma é definitiva. Refere e desenvolve várias dessas respostas e a partir deste desdobramento, afirma que as novas técnicas reprodutivas são impotentes para responder aos enigmas do pai, já que ser pai tem a ver com o dom da palavra e não com a biotecnologia.

Márcia Mello de Lima destaca, em “Sobre o ato mutilatório na transgenitalização masculina”, que em muitos casos a insatisfação e inadequação corporal não são resolvidas cirurgicamente. Mas, que pelo contrário, o que aí se localiza é uma modalidade de gozo que pode ser de natureza psicótica, estado que pode provocar algumas surpresas e impasses, como, por exemplo, o desencadeamento clássico de uma psicose, ou produzir uma psicose ordinária com contornos bem definidos, a partir do não reconhecimento do novo corpo.

Ela espera disto que estejam cientes os psicanalistas que operam nesta clínica e que se confrontam com os impasses e as dificuldades de se fabricar uma nova identidade ou órgão através de intervenções no real do corpo.

Edilene Queiroz inicia seu texto “Escutando o desejo de adotar” lembrando que o ato de adotar não é de hoje. Na verdade, é prática antiga, adotada nas mais diversas civilizações e nas mais diversas extensões e importância. Por não ser do campo da biologia, mas do simbólico, a parentalidade está aberta às mais diversas configurações que suplantam os laços de sangue.

Isto fica claro, na prática de escuta psicanalítica adotada no projeto SOFIA, destinado a famílias adotivas em sofrimento. Descreve, então, um projeto de trabalho de grande envergadura e aceitação pela comunidade, baseado no axioma de que por ser simbólica toda paternidade e maternidade implicarão num ato de adoção, mesmo ali onde existam laços de consanguinidade. Destaca que só a boa intenção não é suficiente para dar conta de um processo que comporta, em sua essência, uma via de mão dupla: a adoção dos pais pelo filho e do filho pelos pais.

Finalmente, Zanello e Martim constroem um texto sobre a relação existente entre “Associação livre e metáfora” e destacam o papel desta última na construção do sentido, bem como sua grande afinidade com a nomeação, localizando-a entre a representação e o vivido. Reconhecem, então, a metáfora como uma fi-

gura de nomeação daquilo que apesar de vivido é desconhecido, destacando sua importância para a clínica psicanalítica.

Outras informações e aprofundamento, o leitor poderá obter ao tomar a obra em suas mãos, que nos cativa pelo vigor e densidade das produções nela reunidas.